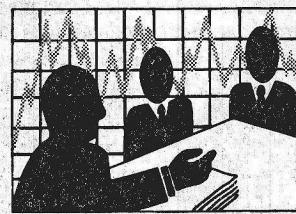


# Idéias dos partidos para enfrentar a crise

Miriam Leitão

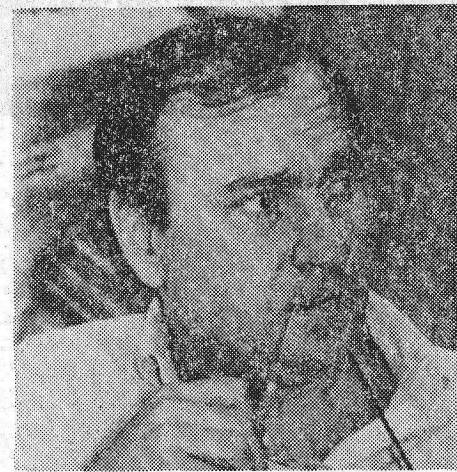


Nestes dias de animada campanha presidencial, a economia esteve presente em cada comício, em todos os programas eleitorais e nas críticas de todos os candidatos ao governo que sonham suceder. Resolver a aflitiva crise econômica brasileira foi a principal promessa de cada um. Muitas vezes a retórica encobriu as diferenças naturais dos candidatos. Os assessores econômicos, no entanto, trabalharam justamente no sentido de deixar bem demarcadas as propostas de cada um.

Atrás da definição de quais são, afinal, as idéias com que os candidatos mais cotados nas pesquisas pensam enfrentar a mais grave crise de que se tem notícia no país, o **JORNAL DO BRASIL** reuniu para um debate os economistas Zélia Cardoso de Mello, assessora do candidato Fernando Collor, César Maia, do PDT de Leonel Brizola, Aloísio Mercadante Oliva, as-

sessor de Lula, candidato da Frente Brasil Popular, e José Serra, economista do PSDB do senador Mário Covas. Durante mais de três horas eles ficaram reunidos na sede do **JB** em São Paulo, destrinchando temas como a inflação, dívida externa, dívida interna, privatização e déficit público, com diagnósticos semelhantes e propostas de solução às vezes claramente opostas.

O professor Mário Henrique Simonsen, que não assumiu publicamente qualquer candidato, analisou as propostas apresentadas pelos economistas ligados aos partidos em disputa e em um artigo diz que qualidades e falhas têm as idéias defendidas. Mas principalmente o ex-ministro fala da melancólica herança deixada pelo governo: a mais alta inflação, um Estado falido, juros atrasados da dívida externa e dívida interna rolada no overnight a juros altíssimos. "Uma das economias mais mal administradas do mundo", no julgamento de Simonsen.



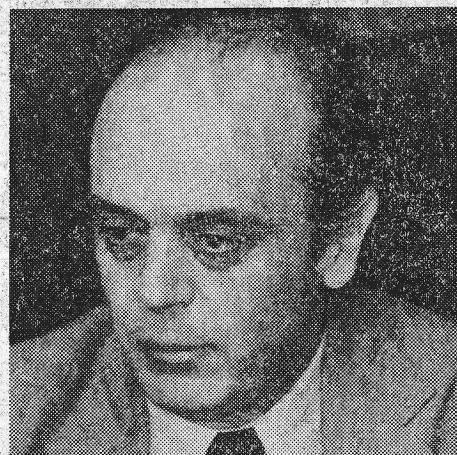
**CÉSAR MAIA**  
PDT

Ele defendeu um programa de deflação rápida, implementado em 90 dias. Para diminuir o déficit, vai centralizar todas as caixas, aumentar todas as tarifas públicas e antecipar a arrecadação de impostos. Vai também promover uma maxidesvalorização e fazer um rígido controle monetário, que pode provocar recessão. Seu programa prevê desaquecimento da economia e, por isto, propõe um seguro desemprego provisório que vigore durante um ano: neste período quem demitir terá que pagar três meses de salário ao funcionário. Quer uma solução negociada para a dívida externa. Garante defender a economia de mercado e ameaça não pagar a conta dos juros altos do over deste final de governo.



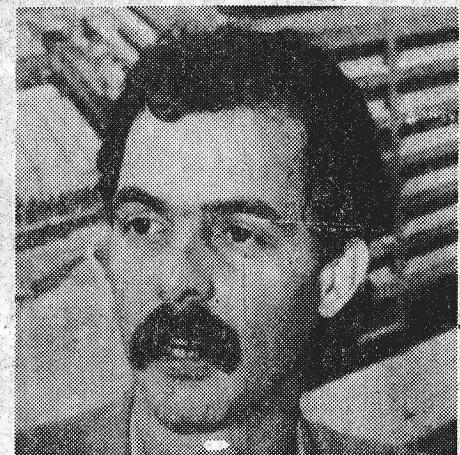
**ZÉLIA CARDOSO DE MELLO**  
PRN

Propõe um combate à inflação que sinalize crescimento. Avisa que haverá recessão. Diz que em seis meses será possível sentir os efeitos do programa antiinflação a ser executado no período de um ano e meio. Radicalmente contra o congelamento. Para aumentar a arrecadação propõe suspensão de todos os incentivos fiscais e subsídios e combate à sonegação e ao duplo emprego, diminuição do número de ministérios, extinção de órgãos. Defende as privatizações. E propõe que cada devedor no Brasil negocie a sua dívida externa com o banco estrangeiro separadamente. Acha que o necessário reajuste da dívida interna virá naturalmente com o fim da inflação.



**JOSÉ SERRA**  
PSDB

É contra o congelamento, acha que é possível combater a inflação através de regras para preços e salários estabelecidas de forma negociada como no México. Para que se conseguisse chegar à vitória definitiva contra a inflação, seria necessário uma política fiscal, monetária e de câmbio adequada. A queda da inflação aumentaria instantaneamente a arrecadação e criaria um círculo virtuoso na economia brasileira. Acha que a dívida interna será resolvida sem traumas. Aos financiadores será oferecida uma lista de opções: conversão, venda de patrimônio do Estado e mecanismo de natureza tributária. A favor da privatização feito através de um fundo. Propõe combate ao duplo emprego.



**ALOISIO MERCADANTE**  
PT

Preços e salários serão discutidos por empresários e trabalhadores em câmaras das quais participará o governo. Quer o fortalecimento do papel do Estado como planejador econômico. Acha saudável a vinda de novas indústrias automobilísticas para o país. Não acredita que possa haver uma solução sem conflito para a dívida externa. Diz que a dívida interna é um fator de instabilidade e que desta vez o mercado precisa perder. Na privatização ele acha que deve voltar ao mercado o que sempre foi do mercado. Defende o combate à sonegação de impostos. Acha que é possível crescer, distribuir renda e combater a inflação se o Estado arbitrar perdas, desta vez poupando os trabalhadores.